Dia 12 — Santa Eulália de Barcelona, Virgem e Mártir

Pelos anos do Senhor de 289 nasceu em Barcelona a gloriosa virgem e mártir de Jesus Cristo Santa Eulália. Embora se ignorem os nomes dos felizes pais que deram à Espanha e a toda a Igreja tão precioso fruto, sabe-se pela vida que escreveu Renalo que eram cristãos nobres e piedosos, o que também se insinua com bastante clareza nas Atas do padre Bolando. Criou-se a santa com a delicadeza e o cuidado que correspondia à graça e nobreza de que a havia dotado o céu; mas ao mesmo tempo não se descuidavam seus pais de formar seu coração, sugerindo-lhe de contínuo, entre as ternuras e regalos do amor, os documentos e máximas que ensina o Evangelho. Como desde o berço a havia elegido o Senhor para si, e para que desse um dos mais brilhantes testemunhos da verdade de sua religião que se haviam de ver no mundo, adornou seu espírito de qualidades vantajosas para tão alto ministério. Era de um engenho claro, de uma alma dócil, de uma penetração vivíssima e sobretudo de um gênio decididamente declarado pelas obras de piedade e, entre estas, pelas que requeriam maior fortaleza, maior grandeza de ânimo e maiores mostras de um verdadeiro heroísmo.

Com a idade cresceu também o amor à virtude e, com este, os exemplos com que edificava os de casa e os de fora. Seus pais, que viam nela tantos motivos de estimá-la, amavam-na ternamente como filha, como menina, como única e, o que é mais, como digna de todas as mostras do sólido amor. Advertiam na jovem Eulália uns modos de pensar que lhes fazia desconfiar muito da pacífica e duradoura posse de sua amável companhia. Ao tempo que lia e falava das obras maravilhosas do Redentor, notavam em suas palavras um ardor e tal acendimento em seu rosto que davam bem a conhecer a acesa caridade que abrigava em seu delicado peito. Falava com frequência do martírio, e em suas razões manifestava que não se dirigiam a outra coisa seus desejos. Como os tempos eram borrascosos e se haviam publicado diferentes editos dos imperadores para perseguir os cristãos, temeram seus pais uma ocasião tão perigosa de perder sua filha, que amavam como a menina de seus olhos. Temiam a crueldade dos inquisidores e dos tiranos, e temiam muito mais a sólida piedade que inflamava o coração da terna donzela e a resolução incontrastável com que apetecia dar a vida por seu amado.

O amor sempre é engenhoso, e muito mais o amor paternal. Sabe juntar a um mesmo tempo a complacência e o gosto do objeto amado com a segurança dos próprios temores. Para sossegar estes, pensaram os pais de Eulália afastá-la da cidade, tirando de seus olhos os incentivos de seu coração. Tinham uma casa de campo, com todas as comodidades que sabem proporcionar a riqueza e o gosto, poucas milhas distante, à qual levaram a santa donzela, para que o ruído da perseguição não chegasse a seus ouvidos e juntamente se deleitasse com a solidão e a contemplação que sabiam que lhe eram muito gratas.

Com efeito, os pais lograram seus desígnios, ao menos em parte. Logo que a santa se viu no campo, meditou novos modos de agradar e servir a seu esposo Jesus Cristo, a quem já de antemão havia consagrado sua alma, seus pensamentos, sua virgindade e todas as suas obras. Juntou logo algumas amigas e companheiras de sua idade e de seu gênio, e com elas passava as horas mais doces e deliciosas. Fazia-lhes simples razoamentos sobre a amabilidade da virtude; excitava-as à honestidade, à pureza, ao recolhimento e sobretudo a um amor ardentíssimo àquele Senhor que por amor do homem desceu do céu e sofreu os mais atrozes tormentos que se podem padecer na terra. Como a santa não falava mais que o que lhe ditava seu coração, e este estava abrasado em fogo divino, eram suas palavras outras tantas centelhas que prendiam e causavam o mesmo incêndio naquelas almas venturosas que a ouviam. Por outra parte, a santa tinha uma graça particularíssima no dizer e um encanto de eloquência em suas persuasões tal que, quanto propunha, tanto ficava persuadido. Para nada necessitava daquela angelical formosura com que a havia dotado o céu; nada tinham que fazer nem a melíflua doçura de seus lábios, nem a modéstia de seu semblante, nem a vitoriosa atividade de seus honestos olhos, quando se encarregava de falar da virtude sua língua.

Um mosteiro bem regido não podia observar mais exercícios de piedade que os que se praticavam diariamente por aquela santa e virginal companhia. A um mesmo tempo lograva a industriosa Eulália divertir suas amigas, e divertir-las com proveito: tanto pode o engenho quando é movido pela virtude, e tanto sabe produzir a virtude quando a prudência e a sabedoria conspiram a torná-la amável. Os pais de Eulália transbordavam de gozo e alegria por ver, a seu juízo, que haviam encontrado o que desejavam; e a cada vez aumentavam o amor que tinham a sua filha os repetidos motivos que os excitavam a amá-la mais e mais. Viviam já tranquilos sobre os primeiros temores que na cidade os sobressaltaram; mas seu sossego durou muito pouco, porque até naquele retiro penetrou com facilidade o ruído da horrorosa perseguição que Diocleciano e Maximiano excitaram naquele tempo contra o nome de Jesus Cristo. Não há prudência nem conselho contra Deus; e todos os esforços do engenho humano se empregam em vão para impedir os decretos da divina Providência.

Esta havia desde a eternidade elegido em Eulália uma confessora e defensora acérrima do Evangelho. Estava resolvido nos divinos arcanos que esta terna donzela fosse, apesar da crueldade dos tormentos, a confusão e o opróbrio do poder dos tiranos e de todas as astúcias e invenções do abismo. Deste profundo e abominável lugar devia ter sido vomitado o ímpio Daciano, que chegou a Barcelona comissionado como presidente pelos imperadores para executar a seu gosto a perseguição naquela parte da Espanha. Apenas chegou à cidade, sacrificou com toda a pompa e solenidade aos deuses e mandou que buscassem os cristãos para que em sua presença oferecessem incenso às mudas obras das mãos dos homens. Ninguém se excetuou no decreto: nem o nobre, nem o plebeu, nem o rico, nem o pobre. Todos foram convocados a sacrificar, sem distinção de idades nem de sexos, impondo ao que não o fizesse a pena de perder a vida por meio dos mais atrozes suplícios e dos tormentos mais intoleráveis.

Turbou-se Barcelona toda. A confusão e o terror se espalharam por todas as partes; e a voz do pregoeiro, que intimava o decreto e convocava ao sacrifício, fazia estremecer até aos próprios gentios. Não puderam os pais de Eulália impedir que penetrassem até seus ouvidos as vozes ímpias com que o nome de Cristo era blasfemado e execrado pelos tiranos; muito menos que

deixassem de fazer uma cruelíssima impressão em sua alma os temores e dúvidas que oprimiam muitos fracos cristãos ao considerar a crueldade de Daciano e a atrocidade de seus tormentos. No ponto em que os ouviu a santa jovem, propôs em sua alma dar a seu Esposo um testemunho de sua fidelidade e de seu amor com seu próprio sangue e confortar com seu exemplo aqueles tíbios cristãos que não correspondiam fielmente à vencedora graça que em tais perigos ministra misericordiosamente o Deus eterno. Esta determinação encheu sua alma de uma alegria tão veemente que não podia dissimular-se em suas ações nem em suas palavras. «Graças te dou, Senhor meu Jesus Cristo — dizia a santa —, e engrandecido e glorificado seja teu nome, pois vejo já o que desejava; e de tal maneira creio em ti que não duvido de que hás de completar com tua graça a obra que medito para satisfação de meus desejos.»

Ficavam absortos seus pais e quantos a viam, não sabendo a que atribuir uma tão desusada alegria, nem acertando a pensar que coisa podia ser a que Eulália tivesse visto tão digna de apetecer e tão admirável que não a julgasse digna de manifestá-la a todos com a franqueza que haviam sempre experimentado nela. Esta confusão crescia mais, refletindo que Eulália jamais havia sido avara dos bens e favores que recebia do céu. Sabiam que na altíssima contemplação era iluminada maravilhosamente para entender os mistérios de nossa redenção; mas quanto aprendia naquele livro celestial, tanto comunicava a seus pais e companheiras sem inveja e sem reserva. Portanto, a que ao presente usava, e sua extraordinária alegria, tinha a todos em inquieta expectação. Mas a santa, que, ilustrada de uma luz superior, conhecia quanto dependia a felicidade de seu projeto do silêncio que observaria, ocultou sua resolução de maneira que nem a confiança de suas amigas mereceu que lha manifestasse, nem o amor e ternura com que a amavam seus pais puderam obter que lhes dedicasse este sacrifício. Seus desígnios não tiveram mais esfera que seu fervoroso peito, e dali subiram num ponto, desde o princípio até a consumação, da obra mais gloriosa e mais cheia de admiração e de portento.

Inspirada do céu, havia resolvido apresentar-se ao tirano e repreender-lhe a crueldade com que obrigava os cristãos a que tributassem aos falsos deuses o sacrílego incenso; mas, conhecendo ao mesmo tempo que, se seus desígnios fossem de algum modo conhecidos ou de seus pais ou daquelas santas virgens a quem educava e instruía, seriam impedidos de mil maneiras, determinou sair de sua casa uma noite, só, sem que ninguém a sentisse; e, chegando à cidade, apresentar-se publicamente na praça e ante o tribunal, para servir aos idólatras de confusão e aos fiéis de poderoso incentivo e de heroico exemplo. Como o pensou, assim o executou. A meia-noite, quando todos estavam dormindo, sai Eulália da casa paterna, só, sem testemunha e sem custódia, mas cheia de uma caridade fragrantíssima e de uma fortaleza superior a quantos perigos podiam apresentar-se-lhe. Nem as trevas da noite, nem a aspereza do caminho, nem a considerável distância e, o que é mais, nem o amor de seus pais puderam temperar o caritativo ardor que a abrasava; e assim, sem cansar-se nem ressentir-se seus pés delicados da dureza do caminho, chegou a santa virgem a Barcelona.

Era pontualmente a hora em que se praticava o julgamento e em que se compelia a sacrificar os cristãos; e assim, ao entrar a santa na cidade, ouviu a voz do pregoeiro, que exortava o povo a que concorresse à praça a ouvir da boca de Daciano os decretos dos imperadores. Foi à mesma praça; e, vendo o presidente sentado no tribunal, cheia de um valor inimitável, atropelou a imensidão do povo que estava misturado com os curiais e, abrindo lugar por meio de todos, chegou finalmente a

pôr-se diante do mesmo tribunal e em alta voz clamou desta maneira: «Ó tu, juiz da iniquidade, como te atreves a sentar-te nesse trono sem temer o Deus verdadeiro, que é sobre todos os príncipes do mundo, Rei dos reis e Senhor dos senhores? Como ousas perseguir os cristãos, que em suas obras manifestam ser feitos à imagem e semelhança do mesmo Deus, obrigando-os a adorar as obras de Satanás à custa de suplícios e tormentos?»

Umas palavras tão ousadas, e ditas com aquele vigor e veemência que inspira a caridade que nada teme, encheram Daciano de turbação e de assombro. Olhou-a estremecido e disse-lhe: «Quem és tu, que com tão desusada audácia e temeridade não somente tiveste presunção para chegar ao tribunal sem ser chamada, mas além disso chegas a tal termo de soberba e de furor que te atreves a falar contra os imperadores em presença do mesmo juiz?» Não se turbou Eulália por isso; antes, com maior constância de ânimo e com voz mais esforçada, respondeu-lhe: «Eu sou Eulália, serva de Jesus Cristo, que é o Rei dos reis e o Senhor de todos os senhores; e, portanto, confiando nele, nada pôde causar-me temor para deixar de vir com pressa e com prazer a repreender teus excessos; a repreender-te a necedade ímpia com que, desprezando o verdadeiro Deus, de quem são todas as coisas, o céu, a terra, o mar e quanto há neles, adoras o diabo; e, não contente com isso, te obstinas em perseguir os homens que, para conseguir a felicidade eterna, servem ao verdadeiro Deus; e os obrigas por meio de requintados tormentos a que ofereçam sacrifício a uns deuses que não são outra coisa mais que o diabo e seus ministros, com os quais todos vós que os adorais sereis consumidos pelo fogo eterno, ardendo para sempre nos abismos.»

Ao ouvir Daciano uma resposta semelhante, concebeu grande furor e mandou imediatamente a seus ministros que desnudassem à virgem as costas e lhe dessem cruéis açoites. Fez-se o que mandava o presidente, o qual, vendo açoitar a santa donzela, intentou fazê-la mudar de resolução, dizendo-lhe: «Ó jovem miserável! Dize-me: onde está esse teu Deus? Que faz que não te livra deste tormento? Que loucura te move a persistir num ditame tão errado e que tão caro te custa? Volta a ti, nobre donzela, e adverte a compaixão que encontras no juiz, a quem lastima ver a loucura que te move a perder tão ignominiosamente teu distinguido nascimento, tuas riquezas e a flor de tua idade e de tua formosura. Dize que não sabes o que fizeste e que as blasfêmias que contra nossos deuses e nossos imperadores proferiste não foram efeito do rancor ou da malícia, mas da ignorância. E, se te envergonhas de retratar-te em público, adorando diante de todos nossos deuses, eu, para que não percas a vida, convir-me-ei em que o faças ocultamente onde tu quiseres e da maneira que escolheres, porque me dá lástima que uma pessoa tão nobre como tu e de tanto mérito haja de padecer tão cruéis penas.»

A invicta mártir, ouvindo as razões do presidente, cheia de resolução respondeu-lhe: «Dize-me, discípulo da falsidade e do engano, como te atreves a persuadir uma discípula da verdade a que minta e assegure que não sabe quanta é tua potestade? Quem ignora que o poder de qualquer homem é limitado e perecedouro como o mesmo homem, que hoje existe e amanhã é despojo da morte? O poder verdadeiro é o de meu Senhor Jesus Cristo, poder interminável e infinito, como o é o mesmo Deus. Portanto, eu não posso dizer a falsidade que me aconselhas, porque temo o Senhor, que tem mandado que ardam para sempre nos infernos os mentirosos e sacrílegos. Nem penses, ó cego Daciano, que é ignomínia ser açoitada por Jesus Cristo; antes, nunca me pareceu que estivesse tão enobrecida e exaltada como na hora presente. Sabe enfim que teus tormentos não me espantam, nem sinto as aflições que possas dispor contra meu corpo, porque estou segura

de que me protegerá com sua graça celestial meu Senhor Jesus Cristo, o mesmo que no dia do juízo castigará tuas obras com penas intermináveis.»

Vendo o presidente que todas as suas palavras e traças eram inúteis, mandou aos ministros que trouxessem o eculeu e que, pendurando-a nele, a lacerassem com uns instrumentos de ferro chamados úngulas. Executou-se assim, e a santa, com rosto alegre e risonho, padecia o tormento, dizendo em voz clara e inteligível: «Senhor meu Jesus Cristo, ouve os suspiros desta serva tua e perdoa-me meus erros. E conforta-me para poder com tua graça sofrer os tormentos que me estão preparados, a fim de que se confundam com minha paciência o diabo e seus ministros.» — «Onde está esse a quem clamas, ó jovem simples e enganada? — disse então Daciano. — Ouve-me a mim, não sejas néscia; ouve-me, infeliz, sacrifica aos deuses, para que possas conservar a vida; olha que a morte te ameaça; olha que a tens já muito perto e que não há quem possa livrar-te dela.»

«Não permita Deus — respondeu a santa virgem — que logres que eu me aparte da fé de meu Senhor. Meu Deus, a quem clamo, ó sacrílego, perecedouro e endemoninhado, meu Deus está aqui comigo; mas tu não mereces vê-lo por causa de tua impureza e dos loucos erros com que tens a alma enlameada. Ele me dá ânimo e me conforta para desprezar quantos tormentos me decrete teu furor e tua raiva.» Apesar das ousadas respostas que dava Santa Eulália, podiam tanto no ânimo do presidente sua formosura e sua idade tenra, que não excedia os catorze anos, sua graça no falar e sua sabedoria, que, movido de compaixão, intentava por todos os meios afastá-la da resolução de morrer. E assim, antes de dar a última sentença (diz a vida que se conserva num manuscrito antiquíssimo da santa catedral de Barcelona), encarregou aos verdugos que procurassem com afagos, com rogos e ameaças seduzir Eulália para que sacrificasse aos deuses.

Executaram-no com mais arte e eloquência do que prometiam suas cruéis almas e seus carniceiros exercícios. Propuseram-lhe as delícias de que se privava, os cruéis tormentos que lhe restavam a padecer até acabar a vida, a compaixão e lástima que causava a todos ver padecer uma donzela tão nobre, tão jovenzinha e tão cheia de atrativos e beleza. A santa havia lançado os fundamentos de sua resolução sobre uma pedra bem firme; e assim, todos os esforços dos ministros do inferno não puderam lograr outra coisa que a confirmação nova de quanto tinha dito e respondido antes a Daciano. Enfureceu-se este e bramou de raiva vendo todos os seus artifícios e crueldade vencidos e até desprezados por uma menina terna e delicada; e, vendo que se aventurava mais na dilação de sua morte, mandou que, assim pendente como estava, lhe aplicassem tochas acesas até que morresse abrasada. Executou-se a sentença, embebendo os verdugos as tochas em azeite para que fosse mais ativa a chama.

Estava a santa virgem pendurada no eculeu em forma de cruz, e, quando mais avivavam os verdugos os tormentos, então seu coração estava mais gozoso, dando graças ao Senhor, que se dignava permitir que padecesse sua esposa na mesma forma em que ele havia remido o gênero humano. Consolava-se em meio das chamas cantando em alta voz: «Deus me ajuda, e o Senhor é quem conforta minha alma. Convertei, Senhor, os males a meus inimigos e fazei que pereçam por vossa justiça. Eu, Senhor, far-te-ei sacrifício voluntariamente, confessarei teu nome, porque é bom; porque me tiraste de toda tribulação e fizeste que meus olhos olhassem com desprezo a meus inimigos.» Ao acabar a santa de pronunciar estas palavras, começaram as chamas a voltar-se

contra os verdugos, como em ademã de vingar a crueldade e desacato que estavam cometendo. A terna virgem, que o advertiu, com voz mais clara e mais perceptível, fixos os olhos no céu, começou a seguinte oração:

«Senhor meu Jesus Cristo, ouvi minha súplica, completai vossa misericórdia sobre esta serva vossa e fazei já que eu seja recebida entre vossos escolhidos para descansar para sempre na vida eterna; fazendo comigo nisto uma piedade assinalada, a qual seja causa de que os crentes se confirmem mais em tua fé e de que, ao ver o que comigo executas, louvem teu sumo poder.» Acabada esta oração, apagaram-se repentinamente as tochas, apesar do azeite com que estavam preparadas. Os ministros, cheios de terror e abrasados milagrosamente, caíram de bruços consternados, e a santa exalou sua puríssima alma, a qual se viu sair de sua boca em forma de pomba e voar ao céu. Este portento maravilhoso foi visto por todo o imenso povo que presenciou seu glorioso martírio; e os gentios não puderam deixar de admirar um caso tão raro, ao mesmo tempo que os cristãos vizinhos de Barcelona se davam mútuos parabéns e felicitações, porque viam que já tinham no céu uma conterrânea sua, que lhes seria para sempre sua advogada, sua protetora e sua padroeira.

Com a morte de Eulália parece que devia ter-se acabado o furor e cólera de Daciano, mas não foi assim; antes, vendo que, depois de uma tão longa batalha de penas, havia sido vencido pela delicadeza de uma terna donzela, bramando de cólera mandou, ao descer do tribunal, que de nenhuma maneira se tirasse da cruz o cadáver de Eulália, que o deixassem ali e o custodiassem até que o comessem as aves e se consumissem os ossos. Mas o céu não pôde consentir a indecência com que ficava aquele virginal corpo exposto aos olhares desonestos; e assim cobriu com um milagre a nudez vergonhosa que havia ordenado a impiedade. No mesmo instante caiu tanta neve que cobriu o sagrado corpo como se fosse com um candidíssimo véu; milagre de que se estremeceram tanto os guardas que não puderam persistir junto ao sagrado corpo, mas fugiram com precipitação cheios de temor e de espanto. Mas, voltando em si e lembrando-se do preceito do juiz, ficaram ao longe, fazendo a custódia que lhes havia sido ordenada.

Logo se divulgou um caso tão ruidoso por todos os arredores da cidade, de onde vinham os fiéis em tropas a ver as maravilhas do Senhor e o virginal cadáver da esposa de Cristo, que ainda estava pendente na cruz. Entre eles vieram também os venturosos pais de Eulália e aquelas virgens companheiras a quem a santa instruía. Os diversos afetos que a um mesmo tempo combatiam seus corações tiravam a seus olhos as lágrimas e a seus rostos a alegria. Viam morta com requintados e horríveis tormentos uma filha e uma companheira e mestra sumamente amável; e viam ao mesmo tempo uma virgem mártir e confessora da fé de Jesus Cristo: e, na batalha dos afetos, levava o triunfo a Religião. Não sentiam já nem os pais de Eulália nem suas companheiras vê-la morta; sentiam não ter visto com seus olhos os tormentos e o esforço e não ter ouvido a celestial sabedoria com que havia triunfado das astúcias do tirano.

Três dias esteve o santo corpo pendente da cruz, sem que faltassem dali um ponto os guardas; mas a piedade dos fiéis foi mais solícita para custodiar aquele tesouro, porque na terceira noite puderam certos varões religiosos e pios baixar o santo corpo da cruz e levá-lo sem que os soldados sentissem o roubo. Envolveram-no em uns brancos lençóis e, ungindo-o com olorosos aromas, colocaram-no desse modo num sepulcro. Seu enterro foi honrado do céu com um notável milagre. Achava-se presente um São Félix, a quem a santa havia instruído na fé e que, dizem as atas, havia

sido uniforme com Santa Eulália na confissão da mesma fé. Este santo, como ressentido de não ter ainda dado seu sangue por Cristo, exclamou: «Ó Senhora! Tu mereceste ser a primeira que logrou em nossa região a palma do martírio.» Ao acabar de pronunciar estas palavras, sorriu-se a santa; e os que estavam presentes começaram a cantar a Deus louvores, dizendo: Clamaram os justos, e o Senhor os ouviu e os livrou de todas as suas tribulações. Às vozes dos que cantavam concorreram muitos do povo e com grande alegria enterraram o sagrado e virginal cadáver, dando bênçãos e louvores a Deus Pai, a seu Filho Jesus Cristo e ao Espírito Santo, cujo reino dura pelos séculos dos séculos.

Logo que se acabou a perseguição dos cristãos, começou a celebrar-se o martírio de Santa Eulália, e Barcelona dedicou-lhe um templo no mesmo lugar em que havia estado seu sepulcro. Com a irrupção dos mouros pereceu de tal maneira a memória do sítio onde descansavam suas relíquias que pelos anos de 870 não se sabia nada; até que, à custa de jejuns, orações contínuas e esmolas, quis o Senhor conceder o benefício de sua invenção à constante piedade do bispo Frodoíno e do aflito e devoto povo. Trasladou-se à catedral o santo corpo, e desde então, que foi pelos anos do Senhor de 877, além do título de Santa Cruz que tinha a catedral, recebeu o de Santa Eulália, por ser depositária de seu sagrado corpo. Depois, por motivo da grande obra da catedral, fabricou-se um magnífico e suntuoso sepulcro, aonde se trasladaram as relíquias da santa mártir na sexta-feira 7 de julho do ano do Senhor de 1339, concorrendo à trasladação reis, príncipes, princesas, arcebispos, bispos, prelados e tanta multidão de povo que fez desta uma das mais solenes e magníficas trasladações que se têm feito no mundo.

Missa (oração)

A missa é em honra da santa, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Deus, qui nos beatæ Eulaliæ virginis et martyris tuæ martyrii solemnitate lætificas: concede propitius, ut gloriosissimis ejusdem meritis et terrena nobis proficiant, et cœlestia desiderata præveniant: Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ó Deus, que nos alegrais com a solenidade do martírio de vossa bem-aventurada virgem e mártir Eulália, concedei-nos, piedoso, que, por seus gloriosíssimos méritos e intercessão, usemos bem das coisas terrenas e cheguemos a gozar das celestiais que desejamos: Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 51 do livro do Eclesiástico (o original diz “Sabedoria”) e é a mesma do dia 9.

Eclesiástico 51,1-8.12

> **Latim:** [1] Oratio Jesu filii Sirach. Confitebor tibi, Domine rex, et collaudabo te Deum salvatorem meum. [2] Confitebor nomini tuo, quoniam adjutor et protector factus es mihi, [3] et liberasti corpus meum a perditione : a laqueo linguæ iniquæ, et a labiis operantium mendacium : et in conspectu astantium factus es mihi adjutor. [4] Et liberasti me, secundum multitudinem misericordiæ nominis tui, a rugientibus præparatis ad escam : [5] de manibus quærentium animam meam, et de portis tribulationum quæ circumdederunt me ; [6] a pressura flammæ quæ circumdedit me, et in medio ignis non sum æstuatus ; [7] de altitudine ventris inferi, et a lingua coinquinata, et a verbo mendacii, a rege iniquo, et a lingua injusta. [8] Laudabit usque ad mortem anima mea Dominum, [12] quoniam eruis sustinentes te, Domine, et liberas eos de manibus gentium.

Português: [1] Oração de Jesus, filho de Sirac: Glorificar-te-ei, soberano rei, louvar-te-ei Deus, salvador meu. [2] Glorificarei o teu nome: Porque te fizeste o meu ajudador e protetor, [3] e livraste ao meu corpo da perdição, do laço da língua iníqua, e dos lábios dos forjadores da mentira, e à vista dos que estavam contra mim te declaraste meu ajudador. [4] E me livraste, segundo a grandeza da misericórdia do teu nome, dos que rugiam, preparados para me devorarem. [5] Das mãos dos que procuravam tirar-me a vida, e das portas das tribulações que me cercaram: [6] Da violência da chama, que me cercou, e eu no meio do fogo não senti o calor: [7] Das profundas entranhas do inferno, e da língua impura, e da palavra de mentira, dum rei iníquo, e da língua injusta: [8] A minha alma louvará o Senhor até à morte, [12] Porque livras aos que esperam em ti, Senhor, e os salvas das mãos das nações.

Reflexões

Contemplando em toda a sua extensão a verdade daquele oráculo divino que nos assegura que a vida do homem neste vale de lágrimas é uma guerra contínua; quando se toca com a experiência que estamos cercados de inimigos visíveis e invisíveis que por todas as partes nos põem ciladas; vendo finalmente a debilidade de nossas forças para combatê-los e os débeis recursos que podemos esperar de nossa natureza corrompida, é preciso encher-se de confusão e quase chegar a desconfiar de que nos seja possível a vitória e, por conseguinte, a felicidade e a ventura. Quantos atrativos nos oferece o mundo em suas riquezas, em suas pompas, em suas delícias, em seu esplendor! Quantos laços secretos nos estende o inimigo comum nas paixões, nos encontros da vida, na falsa sabedoria e até nos mesmos exercícios de virtude! Quantos perigos no trato e comunicação daqueles mesmos a quem a natureza, e muito mais a fé, nos faz olhar com a segurança e confiança de irmãos! Tudo nos convence da verdade daquela famosa sentença de São

Paulo, que não encontra para o homem destino nem situação que não esteja coberta de perigos.

Mas, se por outra parte se fixa a consideração na grande misericórdia de Deus; se se considera a onipotência da graça vitoriosa que nos ganhou Jesus Cristo com o tesouro infinito de seu sangue; se se olham seus prodigiosos efeitos e admiráveis triunfos naqueles adalides do cristianismo que, para nosso consolo e instrução, nos propõe nossa mãe a Igreja, é preciso confessar que se alarga o coração e volta a cobrar vida a mais amortecida esperança. Considerem-se as expressões que põe a Igreja na boca desta santa mártir; considere-se sua inocente vida e seu glorioso martírio: quem será tão infiel e tão covarde que não se atreva a dizer com o Apóstolo: Tudo posso com a graça daquele que me conforta? Quem deixará de cobrar ânimo e valor para desafiar todas as forças do inferno e dizer com a santa confiança do mesmo: Tenho certeza de que não haverá no mundo potestade, virtude nem força para separar-me do amor de meu Senhor Jesus Cristo, ainda que se unam contra mim as cadeias, os cepos, as facas, os fornos acesos, os desterros, os açoites, todo o poder da terra e todo o ódio e astúcia dos abismos?

Apesar de ser isto verdade, necessita-se de todo o apoio da Igreja para que nossa fraqueza pronuncie tão confiadas palavras e chegue a persuadir-se de que houve tempo em que eram frequentes entre os cristãos semelhantes espetáculos. Não somente podemos dizer com verdade que se esfriou com o discurso dos tempos aquela ardente caridade que desafiava os tiranos, mas se pode acrescentar que a fé, que era sua base e fundamento, não tem em nós sua antiga solidez e firmeza. Um nascimento ilustre rodeado de riquezas, de criados e de delícias; uma idade brincalhona, viçosa e lisonjeira; umas prendas cumuladas dos encantos do gênio e dos atrativos da beleza; a vida enfim mais amável e mais amada que tudo, se nos figura de demasiado valor e preço para olhá-la com abandono e para sacrificá-la por Jesus Cristo. Postos de um lado estes lisonjeiros bens da natureza e de outro o preço da fé e a glória de sua confissão, talvez perderia esta última o equilíbrio em nossa estimação, inclinando-se a balança de nossa eleição para os primeiros.

Hoje nos propõe a Igreja um martírio com circunstâncias tão admiráveis que, ou não nos hemos de parar a considerá-las, ou hão de causar em nós a confusão mais cheia de vergonha. Se se nos pusessem diante dos olhos a pregação e expedições de um apóstolo, as altas visões e mistérios dos profetas ou os escritos sábios e copiosos dos santos Padres, teríamos menos motivo de repreender em segredo a debilidade de nossos corações. Mas ver uma fraca mulher, uma terna donzela que dá generosamente sua vida por Jesus Cristo; uma donzela que pisa com planta heroica quanto tem o mundo de precioso e recomendável por abraçar-se com Jesus Cristo, a quem se havia entregado desde a infância; ver uma delicada jovem que, cercada por todas as partes de quantas baterias pode inventar a astúcia mais diabólica, triunfa de tudo, vence tudo, é superior a tudo: certamente é um objeto digno de todas as nossas admirações e muito mais de que o meditemos com reflexão, para tirar de suas operações os frutos e consequências de que necessita nossa vida estragada e nosso espírito fraco e sem forças.

As vidas dos santos são umas regras por onde nós devemos medir nossas operações, são um espelho em que nos havemos de olhar atentamente, para descobrir as manchas que afeiam nossa conduta; e são finalmente uns fiscais mudos que, com sua atividade, acusam nossa negligência, com sua fortaleza confundem nossa covardia e com sua caridade e perfeição nos condenam por

servos inúteis, por indignos do nome de cristãos.

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus e é o mesmo do dia 9.

Mateus 25,1-13

> **Latim:** 1 Tunc simile erit regnum cælorum decem virginibus : quæ accipientes lampades suas exierunt obviam sponso et sponsæ. 2 Quinque autem ex eis erant fatuæ, et quinque prudentes : 3 sed quinque fatuæ, acceptis lampadibus, non sumpserunt oleum secum : 4 prudentes vero acceperunt oleum in vasis suis cum lampadibus. 5 Moram autem faciente sponso, dormitaverunt omnes et dormierunt. 6 Media autem nocte clamor factus est : Ecce sponsus venit, exite obviam ei. 7 Tunc surrexerunt omnes virgines illæ, et ornaverunt lampades suas. 8 Fatuæ autem sapientibus dixerunt : Date nobis de oleo vestro, quia lampades nostræ extinguuntur. 9 Responderunt prudentes, dicentes : Ne forte non sufficiat nobis, et vobis, ite potius ad vendentes, et emite vobis. 10 Dum autem irent emere, venit sponsus : et quæ paratæ erant, intraverunt cum eo ad nuptias, et clausa est janua. 11 Novissime vero veniunt et reliquæ virgines, dicentes : Domine, domine, aperi nobis. 12 At ille respondens, ait : Amen dico vobis, nescio vos. 13 Vigilate itaque, quia nescitis diem, neque horam.

Português: 1 ENTÃO será semelhante o reino dos ceos a dez virgens: que tomando as suas alampadas, sahirão a receber o esposo e a esposa. 2 Mas cinco de entre ellas erão loucas, e cinco prudentes: 3 as cinco porém que erão loucas, tomando as suas alampadas, não levarão azeite consigo: 4 mas as prudentes levárão azeite nas suas vasilhas juntamente com as alampadas. 5 E tardando o esposo, começárão a tosquenejar todas, e assim vierão a dormir. 6 Quando á meia noite se ouvio gritar: Eis-ahi vem o esposo, sahi a recebello. 7 Então se levantárão todas aquellas virgens, e preparárão as suas alampadas. 8 E disserão as fatuas ás prudentes: Dai-nos do vosso azeite: porque as nossas alampadas se apagão. 9 Respondêrão as prudentes, dizendo: Para que não succeda talvez faltar-nos elle a nós e a vós, ide antes aos que o vendem, e comprai o que haveis mister. 10 E em quanto ellas forão a comprallo, veio o esposo: e as que estavão apercebidas entrárão com elle a celebrar as vodas, e fechou-se a porta. 11 E por fim vierão tambem as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, ábre-nos. 12 Mas elle respondendo, lhes disse: Na verdade vos digo que vos não conheço. 13 Vigiai pois, porque não sabeis o dia, nem a hora.

Meditação

Sobre a fortaleza dos mártires e sobre nossa fraqueza e covardia

Primeiro ponto

Considera que a atrocidade dos tormentos e a porfia com que o mundo tem perseguido os mártires de Jesus Cristo foram tão grandes que compendiaram quanto pode sugerir a crueldade mais desumana e despiedada e o ódio mais enraivecido e furioso. Em todos os tempos manifestou a experiência a verdade destas proposições; mas nos primeiros séculos da Igreja viam-se confirmadas com muitos exemplos cada dia. Então eram necessários um valor e esforço extraordinários, não somente para cumprir as obrigações severas de cristão, mas para ter este augusto nome, que entre os pagãos era um verdadeiro delito. Entre eles, o perseguir os discípulos do Crucificado, o destruí-los, o aniquilá-los era um ato de religião, pelo qual clamava em altos brados todo o império. O sangue mais puro, o mais nobre, o mais digno de amor e respeito não se livrava de ser derramado sem piedade, tanto nos palácios suntuosos e à vista dos imperadores como no seio da miséria e nos lugares mais ocultos. O esposo delatava sua mesma esposa e até a levava arrastando diante dos tribunais e dos iníquos juízes. O pai não perdoava seu filho; e o ver nele os sinais sagrados de cristão era um justificado motivo para levá-lo ao cadafalso e exercer nele, se era necessário, o ofício de verdugo. Por todas as partes se via a perseguição; por todas as partes se derramava o sangue dos cristãos, regava-se a terra com ele, com ele se formavam arroios que inundavam o universo. Os calabouços, as cadeias, os tormentos, os braseiros acesos, os açoites emplomados, as unhas de ferro, a faca e a espada instam pela eleição, e não há mais asilo que os altares sacrílegos; não há mais juízes que os próprios tiranos, nem outra justificação que uma abominável apostasia.

Com tudo isso assombra o número prodigioso de anciãos, de jovens, de donzelas que, cheios de uma fortaleza superior a tudo o natural, não somente vencem todos estes tormentos quando são apreendidos, mas, movidos do Espírito Santo, se atrevem a apresentar-se aos juízes e desafiar suas crueldades e seus tormentos. Seria possível que uma natureza frágil, debilitada, enferma, ministrasse força e valor para ações tão heroicas? Seria crível que a humana sabedoria, a persuasão ou as prevenções da infância fortalecessem o coração para umas ações tão inauditas? Não: a natureza e a ciência humana prescrevem a própria conservação. Faz-se forçoso concluir que somente a graça de Jesus Cristo pôde ser quem desse fortaleza aos mártires para desprezar uma vida perecedoura e derramar alegremente seu sangue, fazendo dele sacrifício à fé de Jesus Cristo. Somente a convicção interior que tinham das verdades reveladas, o saber pela fé que há uma vida imortal, que quem ama sua vida como deve não teme perdê-la para lográ-la depois eternamente gloriosa, que tem assegurado a Verdade mesma por essência que quem aborrece santamente sua vida neste mundo a ama e conserva para a vida eterna: só isto pôde dar-lhes valor para ver despedaçar seus corpos, para ver correr arroios de sangue de suas veias, para olhar com rosto tranquilo todos os instrumentos da crueldade e para bendizer a Deus com cânticos de louvor, celebrando como dons seus muito singulares aqueles mesmos tormentos que eram tidos pelos cegos pagãos por misérias e pelas maiores infelicidades desta vida.

Mas, para portar-se com tanta fortaleza e valor, que juízo não deviam ter formado tão vantajoso da religião cristã! Que instrução não deviam ter das sublimes verdades que ela nos ensina! Que

firmeza em suas esperanças, que certeza em sua fé e que ardor tão ativo o de sua caridade! Poderemos nós contemplar-nos adornados destas formosas qualidades? Poderíamos formar um juízo prudente de que, constituídos nas mesmas circunstâncias, obraríamos da mesma maneira? Teríamos igual valor, igual fortaleza para confessar o nome de Cristo e dar a vida por sustentar sua fé? Não há dúvida de que é o mesmo Deus quem deu aos mártires misericordiosamente a graça de uma fortaleza superior a todas as astúcias do mundo e a todos os tormentos que pôde imaginar a crueldade; mas nossa consciência nos assegura que são muito diversas as disposições que este mesmo Deus acharia em nossas almas para derramar sobre nós as graças de sua misericórdia.

Segundo ponto

Considera que, embora nos tempos presentes não haja tiranos que persigam os que professam a fé de Jesus Cristo, nem por isso faltam ao cristão perseguidores, nem necessita menos constância e fortaleza para triunfar de seus esforços. O mundo, que pretende fixar em nossos corações as máximas perniciosas de sua doutrina, é um tirano que nos persegue. Também o é o demônio quando com imperceptíveis sugestões intenta que lhe dobremos o joelho e ofereçamos incenso nos imundos altares onde se adoram suas obras. A carne, finalmente, está continuamente promulgando uma lei contrária à do espírito e tem declarada guerra e perseguição contra os que desprezam seus decretos. E será menos necessária a fortaleza para vencer estes terríveis inimigos do que o foi nos mártires para vencer os tormentos? Se se olha somente ao aparato exterior, espantoso, cruel e sangrento, parece que a menos custo podemos contar com um triunfo seguro; mas, se se atende às contínuas vitórias que logram de nós nossos inimigos, faz-se necessário concluir que ou são eles mais poderosos e temíveis, ou nós demasiadamente covardes e fracos.

O certo é que não temos valor para resistir à inclinação poderosa de nossas paixões, nem ousamos rechaçar o ímpeto com que nos assaltam. Elas nos inclinam à ambição, à avareza, ao ócio, à desonestidade, ao roubo, a todo gênero de vícios. O mundo, sempre falaz e lisonjeiro, nos convida em cada uma destas coisas com uma torrente de conveniências e de gostos. Por outra parte, a razão, Deus e sua lei santa nos impõem o desprezo dos deleites, a abnegação de si mesmo, a santa humildade, a mortificação cristã, o amor aos inimigos e todas as virtudes: pois todas, sem exceptuar nenhuma, se nos intimam no Evangelho. E que é o que nós fazemos em semelhantes circunstâncias? Enchemos o peito daquela soberana fortaleza que sabe contrarrestar todo o poder de nossos inimigos? Clamamos ao Deus das misericórdias, dizendo com o profeta: Senhor, amparai-me, que me violentam meus contrários? Cooperamos com a virtude do Espírito Santo, que sempre está pronta a derramar-se em nossos corações, contanto que nós a peçamos com procederes e confiança de filhos? Nada disto fazemos de ordinário; antes, cheios de temor e covardia, deixamo-nos dominar de nossos inimigos. Olhamos seus prazeres, suas honras, suas riquezas com um microscópio que nos torna temíveis suas forças e quase impossível de nossa parte a vitória. Cremos por outro lado que os altos montes de virtude aonde subiram os justos são para nós inacessíveis. Ó cristão! Volta a ti; olha que tudo isso é erro, tudo é ilusão, tudo é efeito do medo e covardia com que pelejas. Arma-te de fortaleza e não duvides da vitória.

Quantos prazeres imaginas nos mundanos, outros tantos são fantásticos e fingidos; e, pelo contrário, tudo quanto pensas que é horror e lágrimas na virtude, tudo é tranquilidade, sossego e delícias. Desnuda-te da prevenção com que o mundo e o costume te têm enganado. Aclara tuas ideias e conhece bem qual é aquilo a que com razão e justiça deves dar o nome de deleite. Convence-te de que este não se acha entre o tumulto de mil desejos não saciados, mas naquela alma afortunada que ama o que deve e vive com repouso entre os movimentos tempestuosos do mundo. Entra por um momento no coração do cortesão, do poderoso, do próprio monarca: nenhum tesouro encontrarás ali, nenhuma multidão de criados, nenhuns poderosos exércitos, mas cuidados, temores, ciúmes, suspeitas, desejos, impaciências, rivalidades, inquietude perpétua, verdadeira desventura. Entra agora no coração daquele monge ou fradezinho retirado, desconhecido inteiramente do mundo e cujos desejos não saem do canto de sua celazinha pobre senão para dirigi-los ao céu, que espera possuir, cheio de uma simples confiança na misericórdia de Deus e em suas obras. Que sossego reina em seu coração! Que afabilidade em seu semblante! Que doçura em suas palavras! Que fartura encontra no jejum! Que satisfação na penitência! Que alegria interior nas lágrimas que derrama! À vista disto, não é covardia culpável não se atrever a desprezar os bens com que o mundo está em guerra, visto que são males verdadeiros, e ter medo para seguir os caminhos da virtude, onde unicamente se encontra felicidade verdadeira e aquela doce paz de todos desejada?

Jaculatórias

> *Deus meus adjutor meus, et sperabo in eum.* Sl 17.

Meu Deus é toda a minha ajuda, e nele colocarei toda a minha esperança.

> *Laudans invocabo Dominum, et ab inimicis meis salvus ero.* Sl 17.

Invocarei meu Senhor com cânticos de louvor e conseguirei de meus inimigos uma inteira vitória.

Propósitos

1. É constante que os primeiros cristãos nos enchem de admiração com seus gloriosos vencimentos, que eram consequências forçosas da fortaleza divina com que estavam guarnecidas suas almas. É igualmente certo que esta fortaleza era uma virtude, um dom do céu, que eles procuravam da misericórdia de nosso Deus por meio de sua vida santa e inculpável. Disto se segue que, imitando-os nos meios, precisamente havemos de conseguir os mesmos fins. Quando a

virtude exigisse de nós o sacrifício da vida, as mesmas considerações que fizeram que os mártires a pospusessem à morte gloriosa deveriam causar em nós uma generosidade santa para oferecê-la aos pés de Jesus Cristo. A vida não é amável senão enquanto pode proporcionar-nos uma boa morte, que é princípio de outra vida muito melhor e mais duradoura. Por esta se fazem com razão todos os sacrifícios, e até a vida temporal tem sido justamente um deles, como se vê em todos os mártires. Por isso diz Santo Agostinho [^1]: Nada faz que a morte seja má senão o que se segue à morte. Portanto, suposto que se há de morrer, nosso cuidado não há de ser como havemos de morrer, mas aonde iremos depois da morte. Porque, sabendo como sabem os cristãos quanto melhor e mais preciosa foi a morte do pobre Lázaro entre a miséria e os cães do que a do rico ímpio entre púrpuras e brocados, devem inferir que a morte, por horrorosa que seja, nenhum dano acarreta àqueles que foram virtuosos em vida.

2. Meu Deus e meu Redentor: vós mesmo haveis confirmado esta doutrina com vossa santíssima vida, cheia de trabalhos e perseguições, e com uma morte a mais ignominiosa e sangrenta. Embora me custe a maior dor fazer violência a minhas paixões, eu proponho firmemente abraçar vossa lei santa e cumprir exatamente vossos preceitos. Eu confio que me dareis aquela fortaleza que destes a vossos esforçados mártires para pôr por obra meus desejos; e, ajudado de vossa divina graça, nem temerei as ciladas de meus inimigos, nem haverá penas, tormentos nem penalidades neste mundo que não sofra com gosto para manter-me constante nestes salutares propósitos.

São Melécio, Bispo e Confessor

São Melécio, de quem São João Crisóstomo e São Gregório de Nissa fazem tão magnífico elogio, nasceu em Melitene, cidade da Armênia Menor, perto do princípio do quarto século. Sua família era das mais nobres do país; foi de um natural tão doce, tão aprazível, tão amigo de dar gosto a todos e de uma inclinação tão naturalmente propensa a tudo o bom que parecia nele inata a virtude. Desde a infância foi sua vida irrepreensível; sua modéstia, sua mansidão, a inocência de seus costumes e seus graciosíssimos modos ganharam-lhe o carinho e o amor de quantos o conheciam; mas sua piedade, seu excelente engenho e sua sabedoria, além do amor e do carinho, granjearam-lhe a estima e o respeito.

Desolava a Igreja do Oriente a heresia ariana, apoiada com a autoridade do imperador Constâncio. Ensoberbecida com suas conquistas e com o crédito em que estava, havia acendido uma cruel guerra entre os católicos e os arianos; o ódio entre os dois partidos era mútuo; ardia todo o Oriente, e não se via nele senão cisma e divisão. A eminente virtude de nosso santo brilhava com resplendor tão sobressalente que o havia feito superior até à própria inveja e, o que se vê muito raras vezes, igualmente lhe havia merecido a estima dos arianos e dos católicos. Sua reputação de homem prudente, reto, sincero, piedoso e irrepreensível em seus costumes ressoava em todas as partes; e quase se pode dizer que esta mesma geral reputação, e o ter sido seu mérito tão indiscutível e tão universalmente reconhecido de todos, de certa maneira houve de prejudicar o conceito da pureza de sua fé, na apreensão vulgar daqueles que não creem que alguém possa merecer a estima dos inimigos da Religião e ser católico.

Nesta geral estima se achava Melécio quando vagou a sé episcopal de Sebaste, na Armênia, pela deposição de seu bispo Eustácio. Não houve muito que deliberar na eleição de sucessor. Por unânime consentimento foi nomeado Melécio, sendo o mais singular de sua promoção que até os arianos da facção de Acácio, que eram os mais poderosos, concorreram voluntariamente com seus votos, o que fez duvidar por algum tempo da pureza de sua fé; mas logo dissipou estas sombras a retidão de sua conduta. Apenas se viu bispo, aplicou-se a desempenhar todas as suas obrigações. Seu zelo e sua caridade episcopal, temperadas sempre com aquela cristã doçura que era em parte seu caráter, faziam-no proceder em tudo como verdadeiro pastor. Mas este pastor zeloso teve a desgraça de encontrar-se com um rebanho tão indócil que, tendo experimentado serem inúteis quantos esforços fez por reduzi-lo a seu dever, deixou o bispado e retirou-se à solidão, para entregar-se à contemplação e gozar nela o sossego de uma vida privada. Crescendo o amor ao retiro com o gosto que experimentava naquele doce repouso e vendo que já começavam a honrar sua virtude mais do que quisera, turbando sua amada solidão o concurso de gentes, resolveu passar a Beroia, na Síria, para viver ali desconhecido, fazendo-se invisível, se pudesse ser, a todos os mortais.

Mas eram muito outros os intentos da divina Providência. Não queria que tão grande tocha estivesse escondida e destinava a Melécio para uma vida mais laboriosa. Trinta anos havia que a igreja de Antioquia estava gemendo sob a tirania dos arianos. Tendo sido lançado da cadeira Eudóxio, que pelos artifícios da facção ariana a havia usurpado, os católicos e os hereges, cada qual por sua parte, trabalhavam com o maior empenho em fazer eleger um patriarca de seu partido. Compadecido Deus daquela aflita igreja, dispôs com amorosa providência que, no mais forte da disputa, uns e outros pusessem os olhos em Melécio. Os católicos estavam bem persuadidos da solidez de sua virtude, e os arianos, sabendo que os de sua facção haviam dado seu consentimento para que fosse bispo de Sebaste, não desconfiavam dele. E, enfim, conhecendo-o todos por um homem muito eloquente, de um natural doce, amigo de fazer o bem, muito próprio para conciliar os ânimos e unir os corações, irrepreensível em seus costumes e geralmente estimado por todo o mundo, esperaram achar nele um digno prelado. Desta maneira, os arianos, que manejavam a corte, suplicaram ao imperador Constâncio, que se achava então em Antioquia, que desse seu imperial consentimento para que Melécio fosse colocado na sé patriarcal, e os católicos consentiram com toda a alma nesta eleição, não estando menos seguros da pureza de sua fé que da santidade de sua vida.

Quando chegou ao santo a notícia de ter sido nomeado patriarca de Antioquia, ficou inconsolável. Tornava-lhe insuportável esta pesada carga o amor que tinha à solidão. Não poupou meio algum para lançá-la de seus ombros e resolveu buscar sua segurança na fuga; mas, como se tinha bem prevista sua repugnância, haviam-se tomado eficazes providências para precavê-la. Por fim viu-se obrigado a render-se às ordens do imperador e à eleição dos bispos. Foi conduzido desde Beroia a Antioquia, e foi tão universal o gozo por sua eleição que não só lhe saíram a receber os bispos que em grande número estavam juntos na cidade, o clero e todo o povo, mas até os judeus, até os próprios pagãos, atraídos por sua reputação, concorreram de todas as partes para vê-lo e para ter parte na alegria pública. Sua entrada parecia um verdadeiro triunfo, semelhante de alguma maneira à de Cristo em Jerusalém, pois foi recebido com públicas aclamações numa cidade de onde logo havia de ser lançado com insolência.

Logo que se sentou na cadeira patriarcal, conheceu que os dois partidos estavam impacientes por saber se se declararia pelos arianos ou pelos católicos; mas, como era em extremo prudente e detido, aplicou-se antes de tudo a ganhar os corações, persuadido de que logo conseguiria unir numa mesma fé todos os espíritos, como lograr a confiança de todos. Contentou-se nos princípios unicamente com pregar a reforma dos costumes e o exercício das virtudes cristãs. Iam seus exemplos adiante de seus sermões, e conheceu-se logo sua eficácia, porque pregava mais sua modéstia, sua regularidade, sua caridade e seu porte edificativo que suas palavras. Nunca desceu do púlpito sem alguma insigne conversão; não só cativava a singular graça que o Senhor comunicava às verdades mais fortes em sua boca, mas aquela humildade profunda, aquele odor de santidade que exalava em todas as suas ações. Admirava a imensa caridade com que seu coração abraçava todo gênero de pessoas; os pobres publicavam em todas as partes sua liberalidade; cada qual elogiava aquela afabilidade, aquela doçura; e o feliz conjunto de prendas tão nobres e tão sobressalentes o fazia amável a todo o mundo.

Não passou muito tempo sem que se experimentasse que esta afabilidade e este sofrimento não eram espécie de indolência natural ou efeito puro de um temperamento brando, mas que iam acompanhados de uma fortaleza invencível quando se atravessavam os interesses da Religião e da Igreja.

Desejando saber os arianos se podiam contar com seu novo patriarca, suplicaram ao imperador Constâncio que procurasse sondá-lo, estreitando-o a que se explicasse em ordem ao que cria. Consentiu nisso o imperador e, para fazê-lo com maior segurança, além de Melécio, escolheu entre os demais prelados os que eram tidos por mais hábeis e quis que explicassem, em plena assembleia e em sua presença, estas palavras da Escritura de que abusavam os arianos para autorizar seus erros e para destruir a consubstancialidade do Verbo: O Senhor me criou no princípio de seus caminhos. Jorge, bispo de Laodiceia, homem político e pouco regrado, falou primeiro, e falou como verdadeiro ariano. Acácio, bispo de Cesareia, homem ambicioso, que só tratava de lisonjear o imperador, seguiu-o e explicou as ditas palavras como verdadeiro herege. Falou o terceiro Melécio e as explicou num sentido tão católico, com tanta eloquência e com tanta dignidade; provou a consubstancialidade do Verbo com umas razões tão claras, tão enérgicas; demonstrou tão visivelmente os erros dos arianos e pôs tão patente a impiedade de seus dogmas que, desesperados de ver-se como enganados, ali mesmo deram a entender com estrépito furioso sua indignação e sua cólera. Um diácono teve a insolência de tapar-lhe a boca com a mão; mas o santo patriarca explicava por sinais o que não podia com a língua; e, desembaraçado daquele atrevido, declarou ao povo e a todo o clero a igualdade das três pessoas da santíssima Trindade na unidade de um só Deus, com tanta precisão, com tanta limpeza, que creram que era um anjo que falava pela boca de Melécio.

Furiosos os arianos à vista de uma profissão tão pública, tão católica e tão ruidosa da fé do patriarca, persuadiram o imperador a que o lançasse de sua cadeira. Veio nisso aquele mal-aconselhado príncipe e no mesmo dia o desterrou para a Armênia; mas não se atreveram a tirá-lo de dia da cidade, porque o amor, o respeito e a estima do povo a seu santo pastor haviam subido tanto de ponto no curto espaço de menos de um mês, diz São Crisóstomo, que punham seu nome a seus filhos, e aos católicos já não se chamava senão melecianos. Vendo São Eusébio de Samósata quão indignamente se tratava o santo prelado, saiu da assembleia e retirou-se a seu

bispado. Levava consigo a ata da eleição do patriarca Melécio, e os arianos despacharam atrás dele um criado do imperador para pedir-lha da parte deste príncipe. Resistindo-se Eusébio a entregá-la, despachou-se-lhe segundo correio com ordem de que a entregasse imediatamente; e, se não, que se lhe cortaria a mão direita. Apenas leu o santo a ordem do imperador, apresentou ao portador ambas as mãos para que lhas cortasse; firmeza de ânimo que não pôde deixar de admirar o próprio imperador, elogiando-a publicamente. Tendo ficado só no trono imperial Juliano Apóstata por morte de Constâncio, chamou do desterro todos os que estavam condenados a ele por seu predecessor. Em virtude deste edito restituiu-se à sua igreja São Melécio perto do fim do ano 362, e teve o desgosto de achar introduzido o cisma e a divisão até entre os mesmos católicos. Trabalhou muito, mas em vão, o santo pastor em uni-los a seu rebanho. Estavam os ânimos tão enraivecidos e tão irritados os corações que não surtiram efeito suas solicitudes e suas fadigas. Para maior aflição sua, o imperador Juliano Apóstata, inimigo mortal dos cristãos, havia escolhido a cidade de Antioquia por sede do paganismo. Facilmente se deixa discorrer quanto teria que padecer o santo prelado, assim dos hereges como dos gentios. Nem por isso afrouxou nada em seu zelo, em sua piedade, em seu vigor, apesar das ameaças do príncipe idólatra. Irritou-se muito logo o apóstata imperador por sua solicitude pastoral e enviou-o desterrado; de sorte que, em menos de três anos, viu-se o santo duas vezes lançado de sua cadeira. Morto pouco depois Juliano Apóstata, seu sucessor Joviano, príncipe piedoso, chamou do desterro a São Melécio. Então se conheceu visivelmente que o interesse e a ambição são os que regulam a conduta dos hereges e que não têm mais religião que a que domina na corte. Aquele mesmo Acácio que havia sido chefe ou cabeça dos semiarianos, vendo o imperador altamente declarado pela fé do concílio de Niceia, assistiu a um sínodo convocado por São Melécio e subscreveu com os demais uma profissão inteiramente católica; mas, não tendo reinado mais que oito meses o piedoso imperador Joviano, Valente, seu sucessor, turbou logo a paz da Igreja, favorecendo descobertamente os hereges. Durante estas revoluções foi sempre igual o zelo de São Melécio, sem desmentir-se jamais sua virtude e sua vigilância; e teve o consolo de educar ele mesmo, por espaço de três anos, o grande São João Crisóstomo.

Tendo vindo a Antioquia o imperador Valente perto do fim do ano 371, fez quanto pôde por ganhar para seu partido o santo patriarca; mas, achando-o inabalável, desterrou-o para o último da Armênia. Amotinou-se o povo resolvido a embaraçá-lo; mas o santo o apaziguou e ele mesmo se pôs diante do oficial que o conduzia, para estorvar que o matassem a pedradas. Morto desastradamente o imperador Valente, seu sucessor Graciano, príncipe católico, chamou do desterro a São Melécio. A glória de ter padecido três desterros em defesa da fé fê-lo mais amável e mais venerável a seu povo. Com sua doçura e com seus belos modos venceu enfim a obstinação de seu competidor, o bispo Paulino; e, embora sua avançada idade e os grandes trabalhos que havia padecido fizessem pensar que o inabilitariam para novas fadigas corporais, com tudo isso quis visitar todo o seu bispado. Fez nesta visita infinitos bens, converteu muitos arianos e reformou os costumes dos católicos. Celebrou em Antioquia um dos mais ilustres concílios que se tiveram no Oriente, pelo número de santos e sábios prelados que concorreram. Nele se confirmou a fé do concílio de Niceia, foram confundidos os hereges, e ficou ditosamente restabelecida a paz da Igreja.

Querendo Graciano vingar a morte de seu tio, o imperador Valente, enviou contra os godos o general Teodósio. Tendo-os este derrotado, na noite seguinte teve uma visão na qual se lhe

apresentou um venerável ancião em traje de bispo, que o revestia da púrpura imperial. Pouco tempo depois foi associado ao império por Graciano, que lhe cedeu todo o Oriente. Resolvido a procurar a paz da Igreja, desolada com tantas parcialidades, dispôs que se convocasse em Constantinopla um concílio composto de mais de cento e cinquenta bispos católicos. Concorreu a ele São Melécio; e, apenas o viu Teodósio, conheceu que era aquele mesmo prelado que se lhe havia aparecido em sonhos antes de ascender ao império, figurando-se-lhe que o revestia do manto e da diadema imperial. Levantou-se no mesmo instante de seu trono, correu exalado a ele e rendeu-lhe todas as honras e todos os respeitos que pediam a gratidão e a veneração. Presidiu nosso santo no concílio como patriarca de Antioquia, dando nele ilustres testemunhos de sua profunda sabedoria, de sua cristã eloquência, da pureza de sua fé e de sua eminente santidade. Durante este concílio quis Deus premiar os trabalhos e as heroicas virtudes deste grande santo, pondo ditoso fim a sua gloriosa carreira no dia 12 de fevereiro do ano 381, cheio de dias e de merecimentos.

Nunca funerais se pareceram mais a um triunfo que os que se fizeram a nosso santo. Assistiram a eles todos os padres do concílio, todo o clero e o próprio imperador. Pronunciou sua oração fúnebre, ou, por melhor dizer, seu panegírico, Santo Anfilóquio, bispo de Icônio. No dia das honras, que se celebraram na catedral, assistindo também a elas o imperador, pronunciou outra eloquentíssima oração São Gregório de Nissa, e quis Deus confirmar a opinião que se tinha da santidade de nosso santo com muitos milagres. Foi conduzido seu cadáver a Antioquia com toda a pompa correspondente à veneração que os povos lhe professavam, e cinco anos depois pronunciou São João Crisóstomo, em honra de sua venerável memória, aquela bela oração que se conserva entre suas obras.

Martirológio Romano

Em Barcelona, na Espanha, Santa Eulália, virgem, que sofreu no tempo do imperador Diocleciano os tormentos do cavalete, das unhas de ferro e do fogo e, por último, encravada numa cruz, alcançou a gloriosa coroa do martírio.

Na África, São Damião, soldado e mártir.

Em Cartago, os santos mártires Modesto e Juliano. Em Benevento, São Modesto, diácono e mártir.

Em Alexandria, os santos meninos Modesto e Amônio, mártires.

Em Antioquia, São Melécio, bispo, que esteve desterrado muitas vezes pela fé católica e morreu por último em paz em Constantinopla. São João Crisóstomo e São Gregório de Nissa celebraram suas virtudes com magníficos elogios.

Em Constantinopla, Santo Antônio, bispo, na época do imperador Leão VI.

Em Verona, São Gaudêncio, bispo e confessor.

Missa (oração)

A missa é a que se diz do comum dos confessores pontífices, e a oração é a que se segue.

> **Latim:** *Exaudi, quæsumus, Domine, preces nostras, quas in beati Melecii confessoris tui atque pontificis solemnitate deferimus: et qui tibi digne meruit famulari, ejus intercedentibus meritis, ab omnibus nos absolve peccatis: Per Dominum nostrum Jesum Christum...*

Português: Ouvi, Senhor, a súplica que vos fazemos na solenidade de vosso confessor e pontífice, o bem-aventurado Melécio; e, pelos merecimentos daquele que tão dignamente vos serviu, livrai-nos de todos os nossos pecados: Por nosso Senhor Jesus Cristo...

Epístola

A epístola é do capítulo 5 do apóstolo São Paulo aos Hebreus.

Hebreus 5,1-4

> **Latim:** [1] Omnis namque pontifex ex hominibus assumptus, pro hominibus constituitur in iis quæ sunt ad Deum, ut offerat dona, et sacrificia pro peccatis : [2] qui condolere possit iis qui ignorant et errant : quoniam et ipse circumdatus est infirmitate : [3] et propterea debet, quemadmodum pro populo, ita etiam et pro semetipso offerre pro peccatis. [4] Nec quisquam sumit sibi honorem, sed qui vocatur a Deo, tamquam Aaron.

Português: [1] PORQUE todo o pontífice assumpto d'entre os homens, he constituído a favor dos homens naquellas cousas, que tocão a Deos, para que offereça dons, e sacrificios pelos pecados: [2] o qual se possa condoer d'aquelles, que ignorão, e errão: por quanto elle tambem está cercado de enfermidade. [3] E por esta causa deve, tanto pelo povo, como tambem até por si mesmo, offerecer sacrificio pelos peccados. [4] E nenhum usurpa para si esta honra, senão o que he chamado por Deos, como Arão.

Nota

«Escreveu-se esta carta aos hebreus antes da destruição do templo de Jerusalém, como se reconhece pelo que diz o Apóstolo acerca dos sacerdotes e dos sacrifícios da lei. Dá bastantemente a entender que estava na Itália quando a escreveu; pois diz no fim da carta: Os irmãos da Itália vos saúdam; e os santos Padres não duvidam de que se escreveu desde a mesma cidade de Roma.»

Reflexões

Qui condolere possit iis qui ignorant et errant: de sorte que saiba compadecer-se dos ignorantes e dos descaminhados. Não há almas mais dignas de compaixão que aquelas que, podendo facilmente instruir-se do caminho que levam e podendo informar-se com facilidade se vão descaminhadas ou direitas, voluntariamente erram o caminho em pleno meio-dia. Na verdade, não ignoram sua religião; sabem bem quais são as máximas do Evangelho; mas, caso que estejam menos instruídas, quantos pastores zelosos, quantos pregadores sábios, quantos confessores santos e doutos acharão que lhes ensinem qual é o caminho que leva à perdição e qual o que conduz à vida? Hoje, em ponto de salvação, ninguém se descaminha por ignorância; descaminham-se sim muitos numa vida entregue aos deleites, numa vida regalada e licenciosa; mas se descaminham porque querem.

Nada assombra mais que a ânsia com que no mundo procuram todos divertir-se; e isto, professando uma religião que nada prega tanto como a cruz e a mortificação das paixões. Já as diversões se tornaram moda em todos os tempos e em todas as idades. Não se pergunta já se convém ou não convém a um cristão dar-se a uma vida ociosa, divertida e deliciosa; os que não podem entregar-se a este gênero de vida são reputados por uns homens infelizes, dignos de lástima e compaixão. Com tudo isso, estes cristãos que vivem desta maneira creem em nosso Evangelho; isto é, ao mesmo tempo que vivem entregues aos prazeres, estão prontos a derramar seu sangue para defender que aquela não é vida cristã e que não pode ser discípulo de Cristo quem cada dia não toma sua cruz, quem não se mortifica cada dia. Encontrarás, imaginarás acaso contradição mais monstruosa? Contudo, esta contradição nos representa a conduta da maior parte dos homens do mundo. Que se pode inferir destes antecedentes? Que fim se pode esperar destas consequências?

Divertimo-nos, é certo, dizem os mundanos; mas não se faz mal nenhum em todas estas diversões; isto é, a um cristão, na opinião dos filhos do século, lhe é lícito passar os dias de sua vida num eterno esquecimento de Deus. Já se sabe que as primeiras horas do dia se empregam em vestir-se, em compor-se, em sair à rua com todo o lucimento; as restantes as levam as visitas, os galanteios, a caça, a comédia, os passeios, o jogo, o baile ou outros empregos nada inocentes. Se este plano de vida se apresentasse a um gentio, faria juízo de que era o plano de uma vida cristã?

Não fazemos nenhum mal. Quem te diz isso? Não é bastante mal o não fazer nenhum bem, quando estás obrigado a fazê-lo a todas as horas, e hás de ser irremissivelmente reprovado pelo que deixaste de fazer?

Não fazemos nenhum mal. Pois quê, uma vida consumada em mil inutilidades; uma vida embriagada, por assim dizer, de ociosidade, de delicadeza e de passatempos, é uma vida cristã? E pode fazer-se maior mal que não viver cristãmente?

Uma alma sem graça é como terra seca e sem água, incapaz de produzir fruto bom. Graça sem correspondência e sem boas obras são talentos enterrados, dos quais se há de dar espantosa conta. E uma vida toda entregue, toda repartida sucessivamente entre os negócios e as diversões do mundo será muito própria para beneficiar estes talentos, de que o mundo faz tão pouco caso, embora sejam de tanto valor?

Essa vicissitude e, não poucas vezes, essa mistura, essa concorrência de negociações, de encontros, de convites, de juntas, de conversações, de funções, de espetáculos, deixam aquela paz interior, aquele sossego, aquela vigilância que é tão necessária para estar alerta contra as tentações, para dar ouvidos à voz de Deus, para corresponder ao chamado de sua graça? As rodinhas de conversa são lugares oportunos para negociar com este tesouro? Meu Deus, que graças perdidas! E será pequeno mal esta irreparável perda?

Não fazemos nenhum mal. E poder-se-á ouvir esta proposição sem que o espírito, e até a mesma razão natural, se levantem contra ela? Que homem do mundo há cuja ciência não desminta altamente uma falsidade tão atrevida? Por pouco conhecimento que se tenha do mundo, com que cara se atreverá alguém a afirmar que esses espetáculos públicos, famosa escola de todas as paixões, ou, se é lícito explicar-me assim, quartel-general de todos os vícios, são simples, são inocentes? Quer dizer que não se faz nenhum mal nesses entretenimentos familiares, ternos e amorosos? Quer dizer que não se faz nenhum mal nessas conversações, onde não poucas vezes o menor crime é a murmuração mais delicada e mais fina; nesses jogos em que frequentemente o menos que se perde é o dinheiro; nessas partidas de diversão em que a licença parece ter adquirido direito para desterrar a vergonha e o pudor; nessa entretida ociosidade, onde se passam horas inteiras em beber veneno pelos olhos em livros envenenados; nesses descompostos convites onde reinam a intemperança, a licença e o atoleimamento? Finalmente, há valor para dizer que não se faz nenhum mal onde tudo é tentação, onde tudo são laços, onde tudo são precipícios?

Não fazemos nenhum mal. Passe; mas que bem, que boas obras se fazem para merecer o céu? E quem de nós ignora que uma vida ociosa e sem boas obras é uma vida reprovada? A figueira com folhas e sem fruto foi condenada ao fogo; as virgens desprevenidas foram condenadas; o servo pouco industrioso perdeu a graça de seu amo. Em matéria de salvação a mesma inação é delito. Ah, e quanta verdade é que uma prevenção popular em favor do amor-próprio alucina e entorpece!

Evangelho

O evangelho é do capítulo 25 de São Mateus e é o mesmo do dia 4.

Mateus 25,14-23

> **Latim:** [14] Sicut enim homo peregre proficiscens, vocavit servos suos, et tradidit illis bona sua. [15] Et uni dedit quinque talenta, alii autem duo, alii vero unum, unicuique secundum propriam virtutem : et profectus est statim. [16] Abiit autem qui quinque talenta acceperat, et operatus est in eis, et lucratus est alia quinque. [17] Similiter et qui duo acceperat, lucratus est alia duo. [18] Qui autem unum acceperat, abiens fodit in terram, et abscondit pecuniam domini sui. [19] Post multum vero temporis venit dominus servorum illorum, et posuit rationem cum eis. [20] Et accedens qui quinque talenta acceperat, obtulit alia quinque talenta, dicens : Domine, quinque talenta tradidisti mihi, ecce alia quinque superlucratus sum. [21] Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui. [22] Accessit autem et qui duo talenta acceperat, et ait : Domine, duo talenta tradidisti mihi, ecce alia duo lucratus sum. [23] Ait illi dominus ejus : Euge serve bone, et fidelis : quia super pauca fuisti fidelis, super multa te constituam ; intra in gaudium domini tui.

Português: [14] Porque assim he como hum homem, que ao ausentar-se para longe, chamou aos seus servos, e lhes entregou os seus bens. [15] E deo a hum cinco talentos, e a outro dous, e a outro deo hum, a cada hum segundo a sua capacidade, e partio logo. [16] O que receberá pois cinco talentos, foi-se, e entrou a negociar com elles, e ganhou outros cinco. [17] Da mesma sorte tambem o que receberá dous, ganhou outros dous. [18] Mas o que havia recebido hum, indo-se com elle, cavou na terra, e escondeu alli o dinheiro de seu senhor. [19] E passando muito tempo, veio o senhor d'aquelles servos, e chamou-os a contas. [20] E chegando-se a elle o que havia recebido os cinco talentos, apresentou-lhe outros cinco talentos, dizendo: Senhor, tu me entregaste cinco talentos, eis-aqui tens outros cinco mais que lucrei. [21] Seu senhor lhe disse: Muito bem, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor. [22] Da mesma sorte apresentou-se tambem o que havia recebido dous talentos, e disse: Senhor, tu me entregaste dous talentos, eis-aqui tens outros dous, que ganhei com elles. [23] Seu senhor lhe disse: Bem está, servo bom e fiel, já que foste fiel nas cousas pequenas, dar-te-hei a intencindia das grandes; entra no gozo de teu senhor.

Meditação

Primeiro ponto

Considera que, enquanto se vive neste mundo, tudo são perigos para a salvação. Não há estado tão perfeito, não há profissão tão santa, não há emprego tão sagrado em que não se deva estar continuamente muito sobre aviso contra a malignidade do próprio coração. Em tudo há perigos; e, mesmo que faltassem nos estados, que idade há na vida que não dê muito que temer?

Que perigos na juventude, quando as paixões viçosas a tudo se atrevem, tudo atropelam! Que estragos não fazem num coração tenro, bisonho, sem defensivos e sem experiência! Que laços na idade mais avançada e na varonil! E quão raro é o que não escorregue num passo tão escorregadio, onde tudo conspira contra a inocência! A vaidade solicita, o amor aos deleites encanta, a torrente do mau exemplo tudo leva atrás de si. Será fácil abrir caminho livre por meio de tantos inimigos?

A derradeira idade não está mais isenta dos perigos por estar mais vizinha do termo. Raras vezes se veem na ancianidade grandes conversões; quanto mais envelhece o vício, mais forças cobra; as paixões se tornam mais dominantes e menos dóceis. Que estragos não causam os maus hábitos nos corações já podres e gastos!

Toda a vida está cheia de perigos da salvação; o próprio mundo é todo perigo. Vivemos em país inimigo; os caminhos estão cheios de maus passos; o ar que se respira é pouco são; tudo são laços, tudo riscos. Os objetos tentam, os exemplos arrastam; nossa própria inclinação ao mau vale por todos os perigos juntos.

É o mundo um mar tempestuoso agitado pelas paixões; tudo está cheio de escolhos; os mais visíveis não são os mais perigosos. Não é menos terrível a calmaria que a tempestade; nem sempre navegam os piratas a cara descoberta com pavilhão inimigo; é preciso guardar-se de tudo e não fiar-se de nada. No meio da água pode-se temer um incêndio; pode-se padecer naufrágio ou por não encontrar bastante fundo ou por estar muito perto da praia: o excesso de carga causa o naufrágio muitas vezes. Se se perde de vista o céu, perde-se o rumo, e é descaminhada a derrota; e quantos vão a pique à vista do mesmo porto? A boa fortuna embriaga; a má desalenta; uma e outra expõem a salvação a grandes perigos. Mas, meu Deus, neste tropel de riscos, que vigilância, que atenção, que preservativos, que providências se tomam para evitá-los? Tomam-se bastantes nessas concorrências mundanas, onde tudo são riscos e laços? Nessas partidas de diversão, nesses jogos, nessas visitas, nessas conversações, onde se bebe o veneno pelos olhos e pelos ouvidos? Ah Senhor, não nos queixemos, não, do inimigo que nos tenta; pouco ou nada lhe deixamos que fazer a ele; nós mesmos buscamos, nós mesmos amamos, nós mesmos nos metemos na tentação!

Segundo ponto

Considera que, enquanto somos mortais, nunca devemos dar-nos por seguros dos perigos. Não há lugar tão santo, não há estado tão perfeito, não há vocação tão segura nem tão sobrenatural que nos dispense daquele santo e salutar temor com que devemos trabalhar no negócio de nossa salvação. O anjo no céu se precipitou, Adão no paraíso delinquiu; Judas se perdeu aos olhos do mesmo Salvador; perverteu-se Salomão depois de ter recebido o dom da sabedoria. Estes grandes cedros deram em terra: foram derrubados estes soberbos colossos ao leve impulso de uma pedrazinha. Pois por que não temerão os vasos de barro, as canas fracas que um sopro de vento as dobra e as parte, a palha seca que uma faísca a reduz a cinzas?

Perigos na povoação, dizia o Apóstolo, perigos na solidão, perigos no mar, perigos na terra, perigos dos falsos irmãos; em tudo laços, em tudo estorvos, em tudo precipícios, em tudo tentações, em

tudo riscos.

A quantos tem envenenado a leitura de livros suspeitos? Quanto há que temer nessas conversações com pessoas de diferente sexo? Não há pretexto tão especioso, não há motivo tão cristão que livre do perigo; com tudo isso, quem é o que desconfia de si? E, se desconfia, por que se expõe? E há porventura maior segurança nesses profanos concursos? Espetáculos, tertúlias de ociosidade, jogos públicos, companhias contagiosas, casas suspeitas, diversões licenciosas, regalos, entretenimentos pouco cristãos, tudo é perigo da salvação; mas que importa? Domesticamo-nos, familiarizamo-nos com os perigos.

Convimos em que em tudo há que temer. Precipícios por todas as partes; mal se dá passo que não seja num despenhadeiro. E que precauções observamos em meio de tantos riscos? Caminhar com os olhos fechados. Que extravagância! Mas em ponto de salvação é mais prudente a conduta da maior parte dos cristãos?

Meu Deus! E à vista disto devemos espantar-nos já de tantas e tão lastimosas quedas? Devemos admirar-nos de que sejam tão poucos os que se salvam?

Deve causar-nos admiração que o vício tudo inunde, se se rompem os diques à torrente, se se buscam os escolhos, se se dorme profundamente sobre a própria borda do precipício? Sabemos que o mundo nos aborrece; e com tudo isso nos exalamos pelo mundo. Não ignoramos que é inimigo mortal de Jesus Cristo; e com tudo isso queremos ser seus amigos. Mal há quem se espante de seus perigos. É a vida do homem uma contínua tentação, uma guerra contínua; e não se faz sentinela! E vive-se em santa paz! E está-se sem as armas na mão! Pois de que nos admiramos se somos vencidos?

Ah Senhor, quão lastimosa é nossa conduta! Quão funesta! Quando, amável Salvador meu, quando abrirei eu os olhos a minha desgraça? Será, Senhor, desde este mesmo ponto, mediante vossa divina graça; e meu cuidado em evitar os perigos de minha salvação, minhas precauções, meu temor provarão daqui em diante a sinceridade de meu arrependimento e de meus propósitos.

Jaculatórias

> *Exultatio mea, erue me a circumdantibus me.* Sl 31.

Meu Deus, meu Salvador e minha alegria, livrai-me de tantos perigos como por todas as partes me rodeiam.

> *Eripe me de luto, ut non infigar: libera me ab his qui oderunt me.* Sl 68.

Não permitais, Senhor, que eu me atole no lodo; e livrai-me de tanto inimigo como conspira contra minha eterna salvação.

Propósitos

1. Quem ama o perigo perecerá nele, diz o Espírito Santo. O mundo está cheio de laços; não poucas vezes caem neles até os mais vigilantes; que será dos mais adormecidos? A pouca reflexão que faças sobre tua vida passada, um pouco só que queiras lembrar-te de tuas mesmas tristes experiências, conhecerás se basta para não cair neles a mais resoluta vontade, quando não se foge do perigo. Viver com tibieza ou com excessivo regalo, não perdoar a nenhuma diversão, amar o jogo, ter conversações alegres, falar no idioma dos mundanos, seguir suas máximas, dispensar-se de observar uma circunspecção grave e modesta por não ofender as gentes, assistir ao baile, aos saraus, às festas públicas é fazer solene zombaria de nossa religião, se se pretende crer em seu dogma e em sua moral enquanto se desprezam suas mais respeitáveis máximas e suas leis mais sagradas. Olha bem se te remorde a consciência em algum ou alguns destes pontos. Não se passe o dia de hoje sem apartar-te desse perigo em que te achas. És muito aficionado ao jogo? Assistes a essas casas de diversão que Deus tanto aborrece e que acarretam tantas maldições do céu sobre as famílias? Pois de duas, uma: ou subscreve tu mesmo a sentença de tua condenação eterna, ou desterra-te para sempre dessas desventuradas casas, dessas funestas tertúlias, embora te condenes a apodrecer só num canto, ainda que percas esses infelizes interesses que, diga-se o que se quiser, sempre se misturam como fim principal da diversão que se solicita. Reforma desde hoje mesmo tua conduta e não dês ouvidos aos que querem manter-te no perigo, supondo que para ti é lícito esse jogo.

2. Confessas que o mundo é um terreno que só produz arrependimentos e que nele tudo são perigos da salvação. Ali as flores atordoam e as sarças picam; o mesmo se pode dizer, com curta diferença, da vida tíbia, frouxa e mundana de muitos, em todo gênero de estados. Pois que se há de inferir daqui? Que, ainda que se tenha a mais firme vontade, ainda que se tenha tomado a resolução mais vigorosa, é preciso velar e orar incessantemente. A vitória está na fuga. Para isto proíbe-te não somente os saraus, os jogos, os teatros, mas até certas companhias, certos passeios e qualquer outra diversão em que possa estar em perigo tua inocência. Toda familiaridade, especialmente com pessoas de outro sexo, é perniciosa; qualquer livro de amores ou galanteios é um veneno; se há algum em tua casa, queima-o já. E cuidado: não podes vendê-lo nem dá-lo sem pecado.

[^1]: *De civitate Dei*, livro 1, cap. 41 (como no OCR; conferir no PDF).

Revision #1
Created 20 November 2026 20:44:51 by Admin
Updated 20 November 2026 20:44:52 by Admin